



AUTOBIOGRAFIA, BIOGRAFIA E FEMINILIDADE EM “HISTOIRE DE MA VIE”, DE GEORGE SAND

Dolores Aparecida Garcia, doutoranda PPGEL/UFMT, doloresgarcia.1411@gmail.com

Introdução

O presente artigo é um resultado ainda prematuro de uma pesquisa em andamento de doutorado em Estudos de Linguagem, na Universidade Federal de Mato Grosso, sob orientação de Fausto Calça. Temos como proposta realizar um estudo do romance autobiográfico intitulado *História da minha vida* da escritora francesa George Sand (1804-1876), escrito no período de 1847 a 1855. A pesquisa mobiliza a noção de pacto autobiográfico, elaborada por Philippe Lejeune (2008). Nosso objetivo será o de investigar alguns episódios da vida dessa escritora, os quais expressam o seu pacto autobiográfico, bem como alguns problemas em torno de feminismo e feminilidade.

Optamos por estudar a versão em língua portuguesa de *História da minha vida*, traduzida por Gulnara Lobato de Moraes Pereira, publicada pela editora carioca José Olympio, em cinco volumes, no período de 1945 a 1947. Cada volume se constitui por diversos capítulos, cuja narrativa inclui cópias de numerosas cartas, conforme as versões francesas, *Histoire de ma vie*.

No primeiro volume, a autora relata a história de sua família; no segundo, seus primeiros anos, no período de 1800 a 1810; no terceiro, ela aborda a infância e a juventude, de 1810 até 1819; no seguinte, o tema da narrativa percorre momentos de transição, do misticismo à independência, de 1819 a 1832; enfim, no último, a autora privilegia a sua vida literária e íntima, de 1832 a 1850.

A respeito deste romance autobiográfico, Olivier Bara (2011) nos esclarece que

História da minha vida foi iniciado por George Sand na idade de 43 anos, em 1847, e publicado em folhetim no jornal *La Presse* em 1854 e 1855 – George Sand morrerá vinte anos depois, em 1876: não é uma autobiografia escrita no crepúsculo de uma existência, mas, na força da idade e no pleno esplendor da glória. (BARA, 2011, p. 69, tradução nossa)

A história de George Sand é a aquela de uma mulher que, pelo berço, se viu situada nos limites de dois movimento intelectuais, numa orla em que se encontravam o racionalismo do século XVIII e o romantismo do século XIX.

Lemos o primeiro volume para compreender como Aurore Dupin, uma mulher casada que adotou o pseudônimo masculino de George Sand, pretendia se apresentar publicamente. Segundo André Maurois (1956), naquele contexto social, as mulheres não eram tão bem-vindas ao ambiente das letras; não sendo conveniente que uma escritora assinasse o seu próprio nome nos escritos, Aurore Dupin adotou o nome masculino com o qual se tornou conhecida.

George Sand escreveu a história de sua vida até os seus cinquenta anos de idade; deixou cartas para o registro de algumas ações de sua vida, registrando em diários ou correspondências, suas angústias, realizações, desejos. Segundo a romancista, nenhuma mulher ou escritora do seu século ainda havia ousado apresentar a história da sua vida na cena pública. Era comum, nesta época, um espécie de escrita privada e intimista entre as mulheres (especialmente, as mais jovens), mas nada a ser publicado. No livro *Le moi des demoiselles – enquête sur le journal de jeune fille*, Philippe Lejeune (1993) apresenta uma série de estudos de diários íntimos de adolescentes burguesas ou aristocratas do século XIX (época romântica), na França. Conforme o autor, a escrita do diário se constituía, nesse contexto, como um exercício espiritual, ou uma técnica pedagógica para educar as jovens mulheres ao matrimônio.

No contexto do Romantismo, George Sand transgride esta tradição intimista da pedagogia aplicada à educação das mulheres, ao publicar, em forma de autobiografia, as suas confissões, no estilo de Santo Agostinho e Rousseau:

Não creio que seja presunção e impertinência escrever alguém a história de sua própria vida, e muito menos quando escolhemos dentre as recordações que essa vida deixou em nós, aquelas que nos parecem dignas de ser conservadas. No meu caso, julgo cumprir com isso um dever, bem penoso aliás, pois não sei nada mais difícil do que definirmo-nos e estudarmos-nos a nós mesmos (SAND, 1945, p. 7).

No fragmento acima, a escritora menciona a sua dificuldade para falar sobre as suas recordações. Como solução, as numerosas cartas que escrevera para seu círculo de amigos (cujo conteúdo é a sua vida íntima, afetiva, profunda) serviram-lhe como anotações, possibilitando assim o início da escrita da história da sua vida e instituindo, de início, o pacto autobiográfico com o leitor.

George Sand tinha o hábito de incluir um post-scriptum, “queime esta carta” (MAUROIS, 1956, p. 08), em suas cartas encaminhadas: solicitava às pessoas que as queimassem, mas, contrariando ao seu pedido, muitas cartas foram guardadas, as quais, posteriormente foram utilizadas pela própria romancista para escrever sua autobiografia, conforme seu relato:

Entretanto, eu, como toda gente, senti-me, às vezes, nesses dias e nessas horas e tomei então da pena para expandir alguma violenta ansiedade que se agitava dentro em mim. Esses fragmentos, em sua maior parte, nunca foram publicados e me servirão de guia no exame que vou fazer da minha vida. Alguns só tomaram uma forma semi confidencial e semiliterária em cartas publicadas a determinados intervalos e datadas de vários lugares. (SAND, 1945, pp.10-11)

Na sua escrita, a autora sempre buscar justificar suas ações, procurando delinear uma identidade de mulher autônoma e responsável por sua própria escrita.

Desde as suas primeiras publicações (o romance *Indiana*, em 1832, é considerado a sua primeira grande obra), George Sand foi uma figura emblemática de alguns e que despertou a consciência feminina e feminista em outros: “os homens devem às mulheres mais que aos outros homens, o que eles têm de bom ou de mau” (SAND, 1945, p.72).

Seu estilo de vida emancipada, distinto do modelo convencional oferecido às mulheres de sua época, foi, em certas ocasiões interpretado como expressão de um engajamento feminista. Neste sentido, a publicação de *Indiana* não representava o surgimento de uma feminista, mas de uma escritora.

Prefiro, pois, os homens às mulheres, confesso, e faço-o sem maldade, seriamente convencida de que os objetivos da natureza são lógicos e completos, de que a satisfação das paixões não é mais do que um aspecto restrito e acidental da atração de um sexo pelo outro e de que, ponho de lado toda e qualquer relação física, as almas se procuram sempre numa espécie de aliança intelectual e moral em que cada sexo oferece ao outro aquilo que lhe falta. (SAND, 1947, p. 85)

A autora, neste fragmento, relata sua opinião sobre a ligação entre uma mulher e um homem: o sexo. Ou seja, nada mais além disso: homens e mulheres podem e devem viver de forma autônoma e livre.

Em *História da minha vida*, conta uma trajetória de vida que poderia ser de qualquer pessoa, mas esconde o caráter inovador das memórias femininas. Aconselha os escritores de sua época a fazerem o mesmo: narrar a própria vida desde as suas origens até os dias atuais. Ao discorrer sobre sua vida, George Sand estabelece uma ficção, bem como o movimento de um “eu” que se transmuta em masculino e feminino.

Vida

Amandine-Aurore-Lucile Dupin, baronesa Dudevan, teve uma bisavó paterna dominadora, Aurore Koenigsmark, que deu seu nome a todas as mulheres da família. Percebemos que as rupturas de gênero que se estabelecem no decorrer da vida e da obra de George Sand remetem aos diversos episódios familiares vividos, durante sua infância e adolescência.

Ela nasceu em Paris, em julho de 1804. Perdeu o pai num acidente, ao cair do cavalo, ainda quando era criança. Com apenas quatro anos, Aurore voltou à França e foi entregue aos cuidados da avó, na propriedade familiar de Nohant. Apesar da avó, desde cedo, a colocar para receber educação das freiras, mostrou-se sempre um espírito independente (MAUROIS, 1956).

Conforme a biografia de André Maurois (1956), ela se casou muito nova, devido ao fato de se tornar órfã prematuramente. Com a morte da avó, conheceu François-Casimir Dudevant, um jovem licenciado em Direito com quem se casou em 1822. Deu a luz a dois filhos, Maurice e Solange. Nessa época, conheceu um jovem de dezenove anos, Jules Sandeau. Na França, em 1831, não havia divórcio, somente o conformismo e a resignação cristã. As pessoas da época de George Sand não compreenderam porque tinha ela deixado o marido. O abandono do lar, partindo da mulher, era coisa sem precedente: foi um escândalo o seu pedido de divórcio. Aurore foi para Paris com seu amante Jules e, para poder ajudar o companheiro, passou a escrever e a frequentar o ambiente boêmio e fervilhante de ideias da cidade. Aurore foi uma mulher moderna, em uma sociedade ortodoxa, distante da igreja. Nos tempos difíceis de Napoleão, lutou pela reforma das leis que lhe pareciam opressiva. Foi por meio do sobrenome de Jules (Sandeau) que Aurore retirou o pseudônimo que a tornou célebre. Foi com *Indiana* (1832), que lhe granjeou uma fama imediata, que surgiu o definitivo George Sand. Seguiram-se *Valentine* (1832) e *Lélia* (1833) e, a partir de 1831, começara a escrever para o proeminente *Le Figaro*, iniciando assim a sua longa colaboração em jornais e revistas. Foi nessa época que adotou o tipo de vestuário masculino, que se tornou um dos aspectos importantes da sua personalidade. Esta atitude, no entanto, não teria surgido para a defesa das feministas da época, mas para ser aceita nos ambientes masculinos. Sand morreu em 8 de Junho de 1876, em Nohant. Dois dias depois do seu funeral, amigos e admiradores, incluindo Flaubert, Alexandre Dumas Filho e o

príncipe Napoleão, prestaram-lhe as suas derradeiras homenagens a ela (MAUROIS, 1956).

Escrita

A autobiografia não é um gênero puro, mesmo em meados do século XIX, onde, apesar do egoísmo romântico, o gesto de escrever de si e sobre si não é ainda uma forma consensual, como escreveu Philippe Lejeune (2008, p. 36):

Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos referenciais: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter, portanto a uma prova de verificação. Seu objetivo não é simplesmente verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito de real”, mas a imagem do real.

O gênero autobiográfico, na definição de Lejeune (2008), se difere da biografia. Ele define a constituição do gênero autobiográfico em quatro categorias: a) forma de narrativa, prosa; b) tema que norteia toda a narrativa: vida individual, história da personalidade da protagonista do romance; c) situação do autor: a identidade tanto do autor quanto do narrador remete o leitor a uma pessoa real; d) a posição do narrador: retrospectiva da narrativa do narrador. A partir dessas conceituações, o autor concebe sua teoria no sentido de diferenciar autobiografia e romance autobiográfico.

Na autobiografia, em relação à estrutura, o escritor faz no presente, um relato de sua vida passada. As lembranças são fundamentais para que o escritor possa organizar os fatos que marcaram a vida do escritor/personagem. A memória é importante para que os fatos sejam revividos – um mergulho no momento em que foram vivenciados.

George Sand procura esclarecer o seu gênero de escrita:

Não tenciono fazer deste livro uma obra de arte e proíbo-me até de o fazer, pois coisas como estas não têm outro valor, além do da

espontaneidade e da naturalidade, e não pretendo contar minha vida como um romance. A forma prejudicaria o fundo.

Eu poderia, pois, falar desordenadamente e sem sequência, caindo mesmo em muitas contradições. (SAND, 1945, p. 20)

A memória é fundamental para que se consiga registrar sua autobiografia. Conforme George Sand muitos estudos foram escritos sobre ela, mas, conforme a própria autora, os biógrafos que se propuseram a escrever não relataram a biografia com fidelidade:

A propósito, os meus biógrafos que me perdoem se me arrisco a ofendê-los e a retribuir com ingratidão a benevolência que demonstraram para comigo, mas não acho, nem delicado, nem conveniente, nem honesto da minha parte, permitir que acusem meu marido de defeitos, dos quais cessei imediatamente de queixar-me assim que reconquistei a minha independência... (SAND, 1945, p. 21)

Infelizmente, para a sua reputação, a maioria dos seus biógrafos foi de homens que a julgavam sob o ponto de vista da tradição feminina estabelecida. Com este propósito resolveu ela a escrever sobre ela: George Sand criou uma forma singular de escrita, para deixar registradas suas memórias, constituída pela polifonia com a qual a autora expõe uma vitrine de si mesma. Projeto nada fácil, pois George Sand, em *História da minha vida*, confessa: “no meu caso, julgo cumprir com isso um dever, bem penoso, aliás, pois não sei de nada mais difícil do que definirmo-nos e estudarmos a nós mesmos” (1945, p. 07). A escritora definiu essa polifonia como algo penoso, mas que decidira fazer.

A autobiografia de George Sand foi publicada antes da revolução de 1848, construindo uma relação não só intelectual, cultural, filosófica e política com o Iluminismo, mas também familiar pessoal e afetiva. Uma nova identidade pública de George Sand estava em jogo (SAND, 1947, p. 186).

Encarou este desafio em *História da minha vida*, obra que retrata a história íntima, moral, espiritual e intelectual da mulher e “do” artista George Sand. O projeto de George Sand é radicalmente diferente, como ela explica: “eu não tenho isso intitulado minhas memórias, e é um propósito que eu tenho utilizado essas expressões: a história da minha vida, para dizer que eu não tinha a intenção de dizer a outra irrestrita” (SAND, 2004, p. 22). Trata-se de um texto em que a conversa é espontânea; as vozes aparecem para o leitor; a vida que a autora diz é irrestrita.

Considerações Finais

A título de finalização de um texto e longe de esgotar as primeiras reflexões e questões surgidas a partir da leitura da obra *História da minha vida*, reconhecemos que o processo de escrita da autobiografia é aí original para a época. Também, tão importante quanto discutir questões feministas, é estudar o processo de construção da autobiografia de George Sand, com atenção especial aos mecanismos de transição entre memória e ficção, bem como a compreensão do pacto autobiográfico existente na obra – a polifonia em mãos múltiplas: Aurore/George.

Referências bibliográficas

BARA, Olivier. « La médiation artistique dans l’invention de soi: George Sand, autobiographe et mélomane ». *Polifonia*, Cuiabá, MT, v.18, n.24, p.67-80, jul./dez., 2011.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi de demoiselles – enquête sur le journal de jeune fille*. Paris: Seuil, 1993.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAUROIS, André. *Lélia ou a vida de George Sand*. Tradução de Olga Biar Laino. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SAND, George. *História de Minha Vida*. 1º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1945.

SAND, George. *História de Minha Vida*. 5º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1947.